

A cada edição, explore com OSMAR LUIZ JR, o "Mindu", o fascinante mundo da vida marinha.



# Recifes de corais... NARCOSADOS!

Os corais de águas profundas podem viver a mais de 6 000 metros!!!



Corais de profundidade

Os corais são animais com preferências bastante sofisticadas, afinal, devido a relação simbiótica que possuem com certas algas unicelulares, eles necessitam de águas claras e quentes para sobreviverem. Coincidentemente (ou não), a maioria dos mergulhadores recreativos apresentam estas mesmas preferências ao escolherem seus destinos de mergulho e é por isso que os recifes de corais, são considerados os melhores locais no planeta para a prática do mergulho autônomo.

Biologicamente falando, os recifes de corais representam o ápice da biodiversidade marinha e são considerados a quintessência dos habitats marinhos rasos tropicais. Não é de se estranhar, portanto, que a descoberta de recifes de corais altamente diversos em mares profundos, escuros e frios tem deixado muita gente, inclusive cientistas, de boca aberta. O biólogo

Alberto Lindner, da Universidade Federal de Santa Catarina, é uma das raras pessoas no mundo que tiveram a oportunidade de apreciar pessoalmente a beleza destes recifes profundos. Em 2002, enquanto realizava seu doutorado nos EUA, Lindner, a bordo de um submarino, explorou corais a cerca de 200 metros de profundidade ao largo das Ilhas Aleutas, na costa do Alasca. "Quando as luzes do submarino foram ligadas avistamos corais em tamanha abundância que me fez lembrar meu primeiro mergulho nas águas rasas e quentes de Abrolhos", relata o pesquisador. Segundo Lindner, os corais de águas profundas podem viver em profundidades de mais de 6.000 metros e crescem sem uma relação simbiótica com algas unicelulares, que precisam de luz. Por este motivo, os corais de águas profundas tendem a crescer mais lentamente, alimentan-

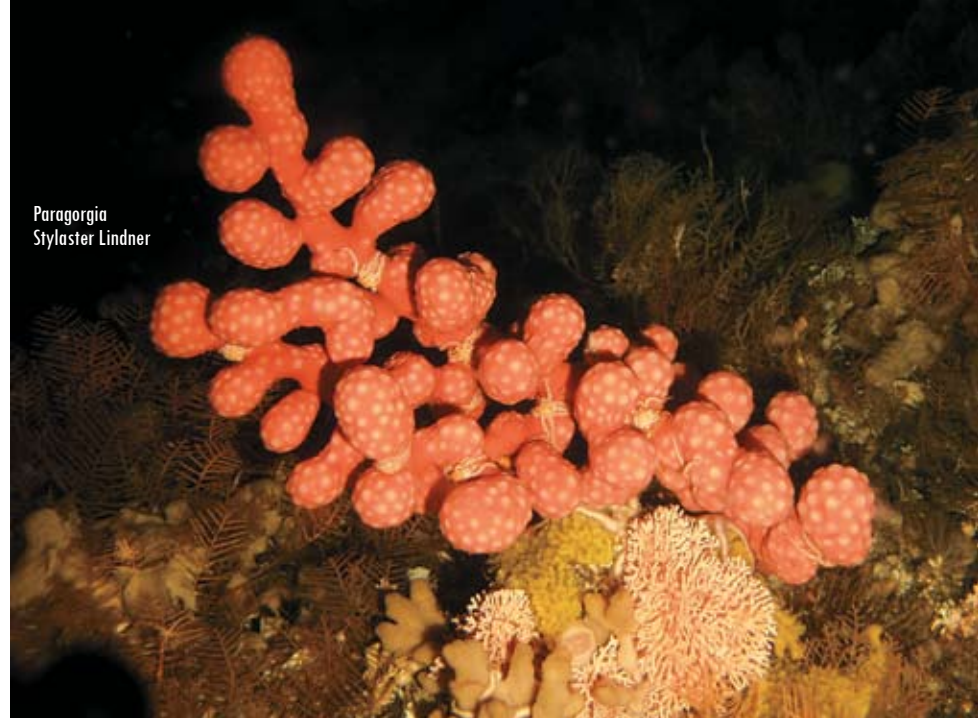
do-se apenas de detritos orgânicos e plâncton, sem a "ajuda extra" das algas unicelulares.

A existência de corais em mares profundos já é conhecida há séculos pelos cientistas, mas o fato de formarem recifes tão diversos e exuberantes, é uma descoberta recente, possível graças ao uso de submarinos aplicados à pesquisa científica. A divulgação das imagens captadas por Lindner durante a expedição ao Alasca, provocou um clamor público tão grande que fez com que o então Presidente Norte-Americano George W. Bush (sim! ele mesmo!) decretasse uma das maiores áreas de proteção marinha existentes hoje no mundo para preservá-los. No Brasil, também existem recifes de corais em grandes profundidades. Porém, como ainda não dispomos de submarinos sofisticados para pesquisas, eles estão sendo encontrados aos poucos

através de milhares de pedaços que vem a bordo de barcos pesqueiros que utilizam redes de arrasto no Sul e Sudeste do Brasil. O oceanógrafo Marcelo Kitahara vem estudando as espécies de corais de profundidade que ocorrem na nossa costa e, apesar de estar fazendo seu doutorado na Universidade de James Cook na Austrália, a poucos quilômetros da maior barreira de corais do mundo, ele está mesmo preocupado é com o futuro dos recifes profundos brasileiros. "Relatos de bordo de embarcações de arrasto dão conta de que até 4.000 quilos de corais fragmentados são trazidos por um único lançamento de rede", afirma Kitahara, "com a diminuição dos estoques pesqueiros em águas mais rasas, os pesqueiros estão se deslocando para águas mais profundas e hoje já contam com tecnologia para arrastar a profundidades que podem chegar aos 1.500 metros".

A situação no Brasil é preocupante. Se nada for feito, nossos recifes profundos podem ser destruídos antes mesmo de serem conhecidos. Além de representarem uma parcela considerável da biodiversidade mundial, os recifes de corais profundos podem ainda guardar muitos segredos sobre a evolução da vida marinha. Em uma recente pesquisa sobre a evolução de um grupo de corais com espécies presentes tanto em recifes profundos quanto rasos, Alberto Lindner pode identificar um padrão de evolução em que as espécies de águas rasas, naquele determinado grupo, evoluíram a partir das espécies do fundo. Assim, proteger os recifes profundos pode significar proteger um grande repatório evolutivo dos organismos marinhos. Se até o Presidente Bush, que ficou conhecido por não dar a mínima para questões ambientais, reconheceu a importância deste fascinante ecossistema, o que dizer do nosso governo, que cada vez mais incentiva a produção pesqueira, sem dar o suporte adequado para pesquisar a sustentabilidade destes recursos. ▀

Osmar "Mindu" Luiz Jr é biólogo marinho, diretor científico do Instituto Leje Viva e autor da Prancheta de Identificação de Peixes Recifais do Brasil.



Paragorgia Stylaster Lindner



Monocoryne Colonialis



Arrasteiro arrendado